



Almeida Garrett

Uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário



BIBLIOTECA ESCOLAR

CLARA PÓVOA

Ficha técnica

Seleção local: Esmeralda Rodrigues e Paulo Correia de Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede
2018

Almeida Garrett Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



Obras de Almeida Garrett

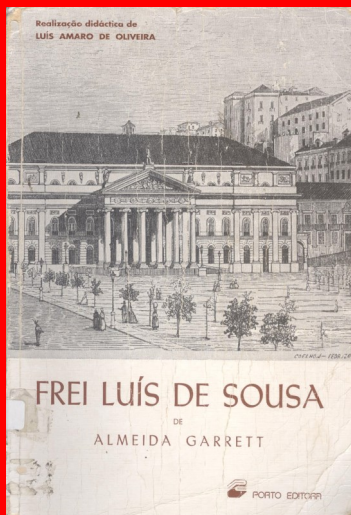
Clique [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#) para acer a obras do autor

Os textos

João Baptista da Silva Leitão de **Almeida Garrett** nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799 e faleceu em Lisboa a 9 de dezembro de 1854. Em 1809 partiu para a ilha Terceira por causa das invasões francesas. Aí recebe de um tio, bispo de Angra do Heroísmo, uma educação religiosa e clássica. Matricula-se no curso de Direito em Coimbra e adere às ideias liberais e começa a escrever algumas peças de teatro. Com a Vila-Francada, exila-se em Inglaterra, onde contacta com a literatura romântica (Byron e Walter Scott). Em 1825 publica em Paris *Camões*, obra marcante para o Romantismo português. Após a guerra civil, é nomeado cônsul geral em Bruxelas. Estuda a língua e a literatura alemãs (Herder, Schiller e Goethe). Regressa a Portugal em 1836 e Passos Manuel encarrega-o de reorganizar o teatro nacional, nomeando-o inspetor dos teatros.

Obras: Teatro – *Catão* (tragédia, Coimbra, 1822; 2.^a ed., Londres, 1830; 3.^a ed., Rio de Janeiro, 1833); *Méropé* (tragédia, Lisboa, 1841); *O Alfageme de Santarém ou A Espada do Condestável* (Lisboa, 1842); *Um Auto de Gil Vicente* (Lisboa, 1842); *Frei Luís de Sousa* (drama, 1843)...

Projeto Vercial. (s/d). *Almeida Garrett*. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/garrett.htm>



Cota: 821.134.3-2 GAR

Os Texto(s)

MADALENA só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre ele, como quem descaiu da leitura na meditação.

MADALENA

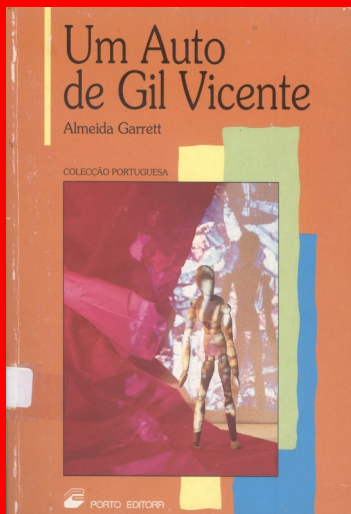
(repetindo maquinalmente e de vagar o que acaba de ler).

Naquele ingano d'alma ledo e cego,

Que a fortuna não deixa durar muito...

- Com paz e alegria d'alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve ser a felicidade suprema neste mundo. E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!... (Pausa). Oh! Que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que vivo... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a... (p. 8)

Garrett, Almeida. (1997). *Frei Luís de Sousa*. Porto: Porto Editora.



Cota: 821.134.3-2 GAR

Os Textos

Em Portugal nunca chegou a haver teatro; o que se chama teatro nacional, nunca; até nisso se parece a nossa literatura com a latina, que também o não teve. A cena romana viveu sempre de empréstimos gregos, nunca houve renda própria; a nossa andou fazendo «operações mistas» com Itália e Castela, até que, fatigada de um existência difícil, toda de provações e sem glória, arreou a bandeira nacional, que nunca içara com verdadeiro e bom direito, e entregou-se à invasão francesa.

Napoleão mandou à conquista de Portugal um dos seus generais mais brilhantes. Mas a gente que, bons trinta anos antes disso, tinha vindo, em nome das perfeições francesas, apoderar-se do nosso teatro, era bicha reles – algum troço de guarda-barreiras de província.

O que se traduziu, o que se traduziu, e como? (p. 7)

Garrett, Almeida. (1995). *Um auto de Gil Vicente*. Porto: Porto Editora.



Cota: 821.134.3-2 GAR

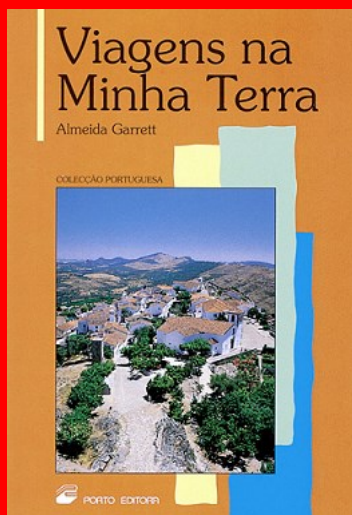
Os Texto(s)

Joaquina – Entre, Senhor José Félix, entre. Isto são umas madrugadas!... Para uma pessoa como o senhor José Félix, o criado particular de um fidalgo da corte! Lá por fora ainda mal são nove horas...

José Félix – Nove horas... e fidalgo da corte!... Recolha o seu espírito, Senhora Dona Joaquina. Meu amo é general, estamos de acordo; nove horas deram hà muito. Mas cá em Lisboa contam-se as horas e os fidalgos por outro modo. Lá na província, minha querida Joaquina...

Joaquina – Ai, como tu estás tolo! A província, a província... Ora isto! Saiba que eu venho do Porto, Senhor José Félix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os periódicos. Província será a sua terra de você, que há-de ser Lourinhã, ou a aldeia do Paio Pires... (p. 5)

Garrett, Almeida. (2001). *Falar verdade a mentir*. Porto: Areal.



Cota: 821.134.3-31 GAR

Os Textos

Estas minhas interessantes viagens hão-de ser uma obra prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do século. Preciso de o dizer ao leitor, para que ele esteja prevenido; não cuide que são quaisquer dessas rabiscaduras da moda que, com o título de Impressões de Viagens, ou outro que tal, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da ciência e do adiantamento da espécie.

Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo... é um mito, palavra grega, e de moda germânica, que se mete hoje em tudo e com que se explica tudo... quanto se não sabe explicar.

É um mito porque – porque... Já agora rasgo o véu e declaro abertamente ao benévolo leitor a profunda ideia que está... (p. 15)

Garrett, Almeida. (1993). *Viagens na minha terra*. Porto: Porto Editora.



Cota: 821.134.3-31 GAR

Os Textos

Tomadas as oratórias precauções de tossir e de se pôr em conveniente atitude, Vasco recorreu por todo o seu saber, que se limitava a algumas reminiscências de Salústio ou de Cícero. Acudiu-lhe o *Quousque* tandem, estafado exórdio de muito orador noviço, e invertendo-o, para se dar algum ar de originalidade, como tantos fazem, começou assim:

- Assaz tem abusado da nossa paciência, ó juízes, os Catilinas desta mal estreada terra. As opressões e os flagícios crescem de dia para dia. A nossa substância é devorada, os nossos direitos são calcados aos pés, o foral de São Jorge é uma letra morta, uma carta vã e falsa, de que estão rotos os selos. Nossas mulheres e nossas filhas são roubadas. Os traficantes franceses e flamengos fogem do nosso porto e vão enriquecer de seu tráfico o Burgo-novo da outra banda. (p. 221)

Garrett, Almeida. (1970). *O arco de Sant'Ana*. Porto: Porto Editora.



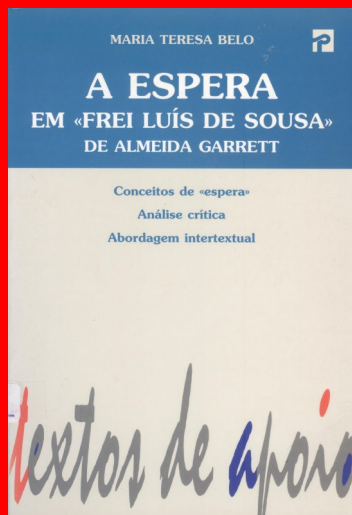
Clique na imagem para aceder ao link

1799 — João Baptista da Silva Leitão, a que só depois acresceram os apelidos com que se notabilizou, nasce a 4 de Fevereiro numa casa da velha zona ribeirinha do Porto, não longe da alfândega de que o pai possuía o cargo de selador-mor; a 10, é baptizado na igreja de Stº Ildefonso. Filho segundo, entre cinco irmãos, de António Bernardo da Silva e de Ana Augusta de Almeida Leitão, família burguesa ligada à actividade comercial e proprietária de terras na região portuense e nas ilhas açoreanas.

Infância repartida pela Quinta do Castelo, para onde a família se transferiu, e a do Sardão, ambas ao sul do Douro, no concelho de Gaia. Ao legado de velhas histórias e lendas populares das criadas Brígida e Rosa de Lima junta-se o preceptorado do tio paterno, bispo de Malaca, Frei Alexandre da Sagrada Família, e do materno tio João Carlos Leitão, formado em cânones e

Luís Augusto Costa Dias. (s/d). *Roteiro Biográfico de Almeida Garrett*. Biblioteca Nacional. Disponível em <http://purl.pt/96/1/bio/biografia.html>

Sobre os textos



Cota: 80 BEL

Para melhor compreender a arquitectura da «espera» em Frei Luís de Sousa, pensámos ser fundamental ter em consideração as últimas influências literárias que percorrem esta obra de Almeida Garrett em que o tema da «espera» sobressai como fio condutor da acção, como elo aglutinador de sentimentos que vão evoluindo num tempo e num espaço – de espera(s) – e vão criando o clima de tensão propício a um desenlace que quase se adivinha. [...]

Outro aspecto queremos ainda destacar: Almeida Garrett construiu Frei Luís de Sousa com «gente honesta e temente a Deus». Os princípios – base da religião cristã atravessam toda esta obra, como teremos ocasião de verificar, sobrepondo-se à vivência e à consumação plena dos sentimentos. O espectro do dever, cumprindo tragicamente – em nome de Deus e dos... (pp. 11-13)

Belo, Maria Teresa. (2001). *A espera em «Frei Luís de Sousa» de Almeida Garrett*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos



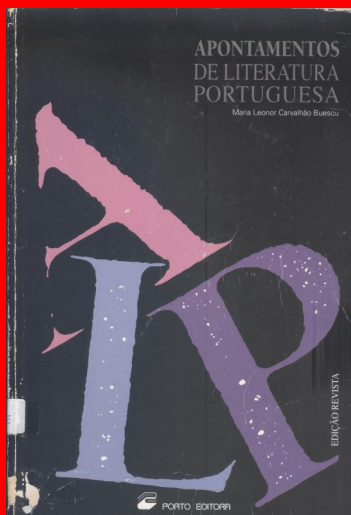
Cota: 80(038) BUE

Apesar da bem visível admiração pela arte grega, e nomeadamente pelos seus mais destacados tragediógrafos, Garrett postula o princípio de actualização nacional dos preceitos antigos. Uma vez que à arte moderna devia corresponder uma actualizada visão do mundo, obrigando o criador a ancorar solidamente as suas criações no tempo e espaço históricos bem determinados e conferindo à fábula poética uma historicidade que facilmente seria percebida pelo público que o teatro procurava educar.

Mais uma vez nos encontramos perante embriões de problemas estéticos, que perseguem o artista desde a sua mocidade, e que iremos encontrar recorrentemente ao longo de toda a sua obra e no caso que mais nos interessa em Frei Luís de Sousa. (pp. 146-147)

Buescu, Helena Carvalhão. (1997). *Dicionário do romantismo literário português*. Lisboa: Caminho.

Sobre os textos



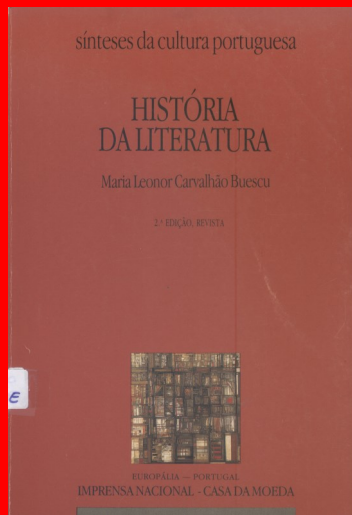
Cota: 80 BUE

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854) foi o introdutor deliberado do Romantismo português e o seu doutrinador. O conjunto dos seus prefácios de carácter doutrinário constituem uma verdadeira Estética do Romantismo, completada por digressões ao longo das suas obras, nomeadamente *D. Branca* e *Viagens na Minha Terra*. Natural do Porto, começou os seus estudos nos Açores, sob a orientação do seu tio, bispo de Angra, D, Frei Alexandre da Sagrada Família. No Continente, estudou em Coimbra e, aderindo ao movimento liberal, sofreu o exílio em Londres e Paris, onde tomou contacto com o Romantismo já perfeitamente definido por Byron e Shelley, em Inglaterra, e por Madame Staël e Chateaubriand, em França.

Educado dentro do arcadismo, podemos distinguir na obra de Garrett uma fase nitidamente clássica (p. 132)

Sobre os textos

Buescu, Maria Leonor Carvalhão. (1993).
Apontamentos de literatura portuguesa. Porto: Porto Editora.



Cota: 80 BUE

Estabelece aí, na sequência, aliás, de textos seus anteriores, uma nova e surpreendente dialéctica entre o nacional e o alheio, isto é, entre o que a Idade Média criara em termos literários e culturais e o que os eruditos humanistas dos séculos de sobrevivência clássica haviam imposto. É a valorização do gótico, como cristalização do estilo medieval, que, à sua maneira elegantemente irónica e quase familiar, Garrett explicita:

«Fatigados do grego e do romano em arquitectura e em pintura, começamos a olhar para as belezas de Westminster e da Batalha; e o apetite embotado da regular formosura dos Pantéons e Acrópolis, começou, por variar, a inclinar-se para as menos clássicas, porém não menos lidas nem menos elegantes formas de arquitectura e da escultura gótica. (p. 73)

Buescu, Maria Leonor Carvalhão. (1994). *História da literatura*. Lisboa: INCM.

Sobre os textos



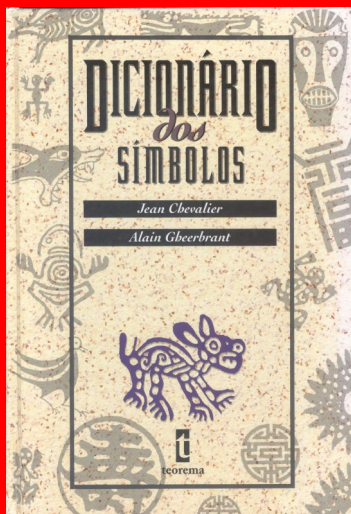
Cota: 80 CHA

As tentativas de Garrett no género de novela histórica datam de 1825. No seu espólio literário foi encontrado um manuscrito de duas páginas e meia intitulado *A Excelente senhora – Romance Histórico*, com data de Agosto 1825. A Dra. Ofélia Paiva Monteiro no seu minucioso trabalho *A Formação de Almeida Garrett – Experiência e Criação*, Coimbra, 1971, informa-nos que essas «três escassas páginas», «contemporâneas da publicação da elegia a *Camões*, revelam-nos expressivamente esse mesmo estado íntimo que se reflecte em toda a estilização do poema: a «crise» aguda da nostalgia do exilado, roído de saudades da pobre pátria distante, entre os tons deslavados de um país hostil para o seu sentimento.

Também no mesmo espólio foi encontrado o plano de um outro romance histórico, *A Torre do Lavre...* (p. 33)

Chaves, Castelo Branco. (1979). *O romance histórico no romantismo português*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.

Sobre os textos



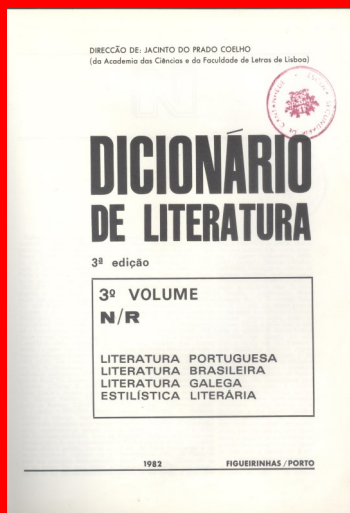
Cota: 80(038) CHE

O sete corresponde aos sete dias da semana, aos sete planetas, aos sete graus da perfeição, às sete esferas ou graus celestes, às sete pétalas da rosa, às sete cabeças da naja de Angkor, aos sete ramos da árvore cósmica e dos sacrifícios do xamanismo, etc.

Alguns septenários são símbolos de outros septenários; assim, a rosa das sete pétalas evocaria os sete céus, as sete hierarquias angélicas, todos os conjuntos perfeitos. Sete designa a totalidade das ordens planetárias e angélicas, a totalidade das energias e principalmente na ordem espiritual. Entre os Egípcios era símbolo da vida eterna. Simboliza um ciclo completo, uma perfeição dinâmica. (p. 603)

Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (199). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Teorema.

Sobre os textos

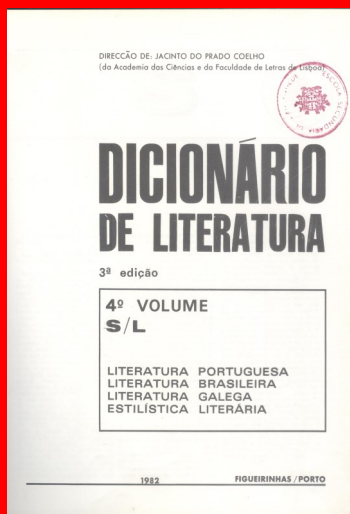


Cota: 80(038) COE

«Frei Luís de Sousa». Drama de Garrett, em três actos, em prosa, justamente considerado a obra-prima do teatro português. Foi representado pela primeira vez em 4 de Julho de 1843, num teatro particular (o da Quinta do Pinheiro, a Sete Rios, pertença de Duarte de Sá), e por amadores da melhor sociedade (o próprio A. desempenhou o papel de Telmo). A 1.^a ed. data de 1844. A acção é da trágica simplicidade. D. João de Portugal foi dado como perdido na batalha de Alcácer-Quibir. Sua mulher, D. Madalena de Vilhena, após sete anos de espera e de buscas infrutíferas, desposou D. Manuel de Sousa Coutinho, que já amava em vida de D. João; deste segundo casamento nasceu a filha, D. Maria de Noronha, que, aos treze anos, revela estranha sensibilidade, aguçada pela tuberculose. (p. 351)

Coelho, Jacinto do Prado. (1982). *Dicionário de literatura* (3.^a ed., 2.^o vol.). Porto: Figueirinhas.

Sobre os textos

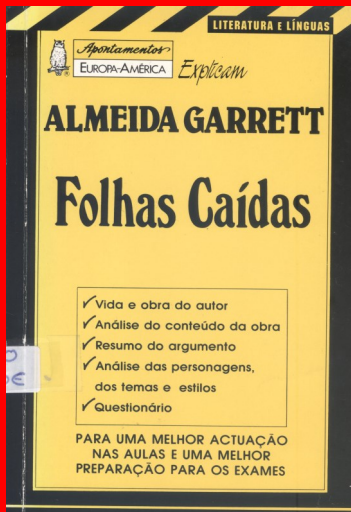


Cota: 80(038) COE

«Viagens na Minha Terra». Suscitado por uma viagem do A. a Santarém, em 1843, a convite do político Passos Manuel, que lá vivia, este livro, o mais *moderno* de quantos Almeida Garrett (v.) escreveu, combina, com intencional negligência ao gosto romântico, o relato da viagem com reflexões e divagações sobre múltiplos temas, e tem ainda embrechada uma novela cuja acção se desenrola no período das lutas entre miguelistas e liberais. Começou a publicar-se em 1843, na Revista Universal Lisbonense, mas a publicação foi suspensa em Dezembro deste ano, só voltando a fazer-se, na mesma revista, a partir de Junho de 1845. A obra, na verdade, oferece a variedade e muitas vezes a leveza próprias do folhetim. Saiu em volume em 1846. As considerações de Garrett incidem na crise que o nosso país atravessava... (p. 1162)

Sobre os textos

Coelho, Jacinto do Prado. (1982). *Dicionário de literatura* (3.ª ed., 4.º vol.). Porto: Figueirinhas.



Cota: 80 COE

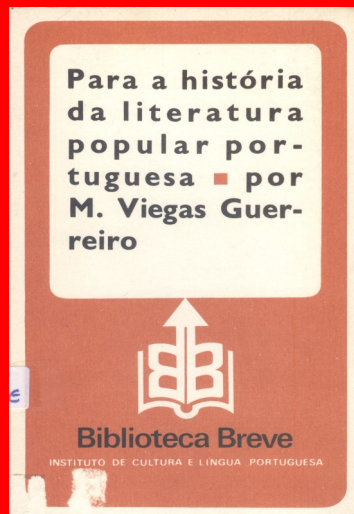
Chamado a colaborar com Passos Manuel nas Reformas Culturais, Garrett visa criar um reportório dramático português. Este objectivo leva-o a reatar a produção teatral interrompida desde Catão. Escreve *Um Auto de Gil Vicente* (1838), *D. Filipa de Vilhena* (1840) e *O alfageme de santarém* (1842).

Em *Um auto de Gil Vicente*, Garrett evocava a figura do fundador do teatro português. A acção centra-se na partida da infanta D. Beatriz para Saboia, presa de amores por Bernardim Ribeiro. Também imbuída de características românticas (amor fatal, personagens de diferentes categorias sociais), esta peça coloca frente a frente dois escritores: Gil Vicente, homem do povo, e Bernardim Ribeiro, nobre cavaleiro.

«O mais famoso e popular episódio da revolução de 1640, que elevou ao trono a... (pp. 17-19)

Coelho, M. C. & Azinheira, M. T. (1994). *Folhas caídas: Almeida Garrett*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Sobre os textos

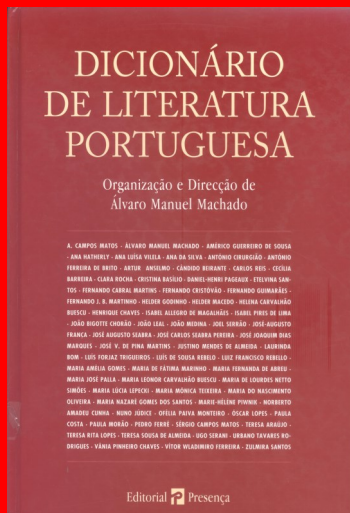


Cota: 80 GUE

O exílio abriu-lhe os olhos e o coração para o grande movimento romântico que campeava em Inglaterra, Alemanha e França. Estimulado pela leitura e exemplos de Walter Scott, Burns; Burger, Percy, Shakespeare, Macpherson, Rodd, Jacob Grimm, Depping, Müller, M. Stael, Sismondi, Lamartine, que todos exaltam, cultivam, traduzem, imitam e publicam a poesia popular e medieval, decide também Garrett restaurar o romance nacional, renovar a poesia portuguesa. Morrera esta às mãos dos «filólogos» do Renascimento, esquecida, desprezada, subvertida pela invasão dos modelos gregos-latinos e italianos. Para vencer «o domínio opressivo e antinacional» dessa falsa literatura, quer Garrett que sejamos «nós mesmos», que «vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar da nossa natureza e deixemos em paz os Gregos, Romãos e toda a outra gente». (pp. 71-72)

Guerreiro, M. Viegas. (1983). *Para a história da literatura popular portuguesa* (2.^a ed.). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Sobre os textos

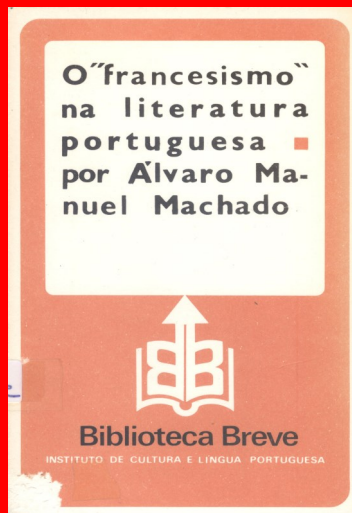


Cota: 80(038) MAC

Sobre os textos

A Garrett cabe um lugar marcante no nosso devir cultural por ter sido o grande pioneiro do romantismo e um arguto e activo participante do difícil tempo que viveu, o da implantação do regime liberal. Impossível é, aliás, dissociar estas duas facetas do seu vulto: a questionação de Portugal e o empenhamento cívico unem-se inextricavelmente, em Garrett, à questionação do «eu» e da existência, pedindo-lhe, para dizer-se, formas de expressão renovadas. Provindo da burguesia média, recebeu da família – primeiro no Porto, onde nasceu, e depois na ilha Terceira (onde seus pais se refugiaram dos invasores franceses) – uma salubre educação, onde teve papel primordial um velho e sábio tio, bispo de Angra, D. Frei Alexandre da Sagrada Família. (p. 212)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.



Cota: 80 MAC

Por outro lado, há o exílio. Como se sabe, as obras que marcaram o início programático do nosso romantismo, os poemas de *Camões* (1825) e *D. Branca* (1826) de Garrett, foram compostas e publicadas em Paris, onde o escritor permanece exilado entre 1824 e 1826, depois de um primeiro exílio em Inglaterra.

Desde o Canto Primeiro de *Camões*, esse exílio em França é evocado por Garrett a partir de uma definição desse sentimento-ideia que pretende ser essencialmente português, a saudade. Note-se, a seguir à exaltação nacionalista do sentimento saudoso, a evocação, baseada na imagem contrastante dos rios Sena e Tejo, da história dos franceses (aqui os primitivos Sicambros, designação genérica dum povo germânico que invadiu a Gália com os Francos), com referências às desastrosas guerras napoleónicas...(p. 46)

Machado, Álvaro Manuel. (1984). *O "francesismo" na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Sobre os textos



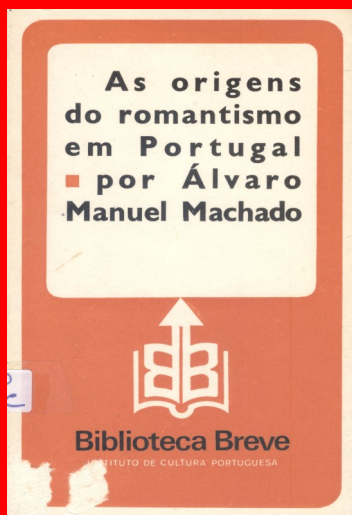
Cota: 80 MAC

Garrett, Fr. Luís de Sousa e Fr. Gil de Santarém. Um liberal e dois frades. Ora, e embora sejam em número razoável os frades que criou e recriou nas suas obras, Garrett dizia que não gostava de frades... Que podem então evocar estes três nomes que os faça unirem-se num mesmo título?

O elo de ligação foi-me sugerido pela visita que o narrador das *Viagens na Minha Terra* fez às ruínas do Mosteiro De S. Domingos em Santarém e pela “viagem” em pensamentos aos recuados tempos em que viveu “o nosso Fausto português”, o bruxo que se tornou santo, Frei Gil de Santarém. As peripécias da sua vida e o traço notável com que Fr. Luís de Sousa as retratou seduziram Garrett nos seus verdes anos, deixaram reflexos no poema D. Branca e fizeram-no recair, mais tarde, em mais uma das suas incontroláveis e no entanto frutíferas divagações, recheadas de ideias e de projectos... (pp. 107-108)

Macedo, Helder. (1999). *Veredas*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

Sobre os textos

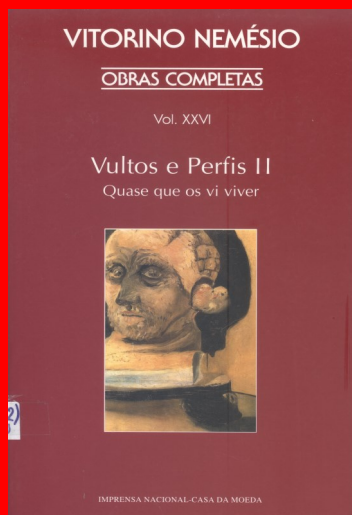


Cota: 80 MAC

Falar das origens de um período literário, em Portugal como noutra qualquer país, é sempre, de certo modo, pôr em questão as próprias origens da literatura. Ou melhor: é sempre repensar o significado da escrita nas suas múltiplas relações com o tempo. É sempre, é sobretudo, por um lado, avaliar a escrita como expressão temporal do pensamento humano e, por outro lado, como expressão temporal daquilo que, vindo do pensamento, pode ou não pode ser considerado objecto estético. E sendo-o, avaliar a sua importância ao nível, sobretudo, da formação, da continuidade ou da ruptura dos géneros. Ora, como diz Henri Meschonnic num dos seus mais recentes ensaios: Tout écrivain ne peut pas ne pas hériter d'un «genre», mais il le détruit en créant «son oeuvre». Il ne serait pas écriture s'il n'était aussi destruction. (p. 13)

Machado, Álvaro Manuel. (1979). *As origens do romantismo em Portugal*. Lisboa: Bertrand.

Sobre os textos



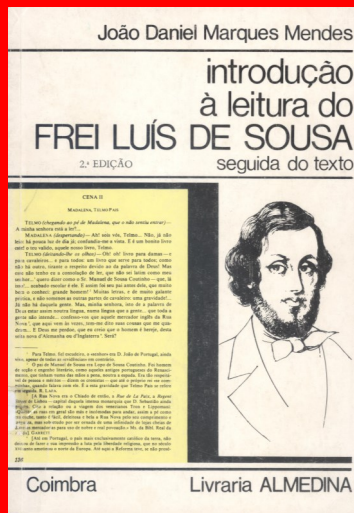
Cota: 80 NEM

Foi sempre um amoroso e imponente, coração sério mas volúvel, alma ondulante e apaixonada. *As viagens na Minha Terra* reflectem-no, como se diz, por uma pena... ele é, ou, antes: quis ser aquele Carlos, capitão de guerra civil, quase de Legião Estrangeira, dividido entre o amor voluntarioso e elegante de uma Georgina deixada em Inglaterra e o béguin capitoso por aquela priminha tornada a ver no vale, a doce Joaninha assentada no chão ribatejano «tapeçado de grama e de macela brava». Não fora Garrett ao Porto, sendo estudante de Coimbra, ver uma prima carnal e não ia ficando debaixo de um cavalo, às portas da morte, só por vê-la?

Se teve amores em Inglaterra, como parece pela lista dos «Sete Pecados Mortais» que forneceu a Francisco Gomes de Amorim para fazer biografia... (pp. 115-116)

Nemésio, Vitorino. (2004). *Vultos e perfis II: quase que os vi viver*. Lisboa: INCM.

Sobre os textos



Cota: 80 MEN

É óbvio que o «*Frei Luís de Sousa*» é representação, isto é, obra de ficção poética, de criação artística, e não história ou biografia. A tragédia é «imitação de acções de carácter elevado», na definição aristotélica. Neste conceito está implícita a liberdade de criação, no tratamento do assunto, no desenvolvimento da fábula.

Não é outro o conceito, nem é outra a prática de Garrett. Na «Memória do conservatório» afirma: «eu sacrifico às musas de Homero, não às Heródoto: e quem sabe, por fim, em qual dos dois altares arde o fogo da melhor verdade».

Por isso, altera e modifica os dados biográficos ou históricos, inventa situações, escolhe e imagina os lugares, manipula os tempos, divide e condensa a matéria: a «lenda» (realidade poetizada) é apenas o ponto de partida para a criação poética... (pp. 8-9)

Mendes, João Daniel Marques. (1998). *Introdução à leitura do «Frei Luís de Sousa»*. Coimbra: Almedina.

Sobre os textos



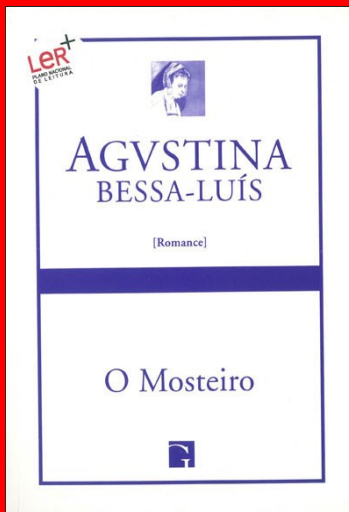
Cota: 821-31 AUS

O dia seguinte trouxe um novo acontecimento para Longbourn. O Sr. Collins fez a sua declaração em forma. Tendo resolvido proceder a ela sem perda de tempo, uma vez que a sua licença caducava já no sábado seguinte, e não nutrindo, mesmo naquela altura, qualquer sentimento de desconfiança em vir a tornar-se numa situação embaraçosa para ele, entregou - se a ela de forma muito metódica, não descurando todas aquelas observâncias que ele supunha inerentes ao assunto. Encontrando reunidas, pouco tempo depois do pequeno-almoço, a Sr.^a Bennet, Elizabeth e uma das irmãs mais novas, dirigiu-se à mãe nos seguintes termos:

- Poderei eu, minha senhora, no seu próprio interesse e no da sua encantadora filha... (p. 78-79)

Contextos

Austen, Jane. (2002). *Orgulho e preconceito*.
Mem Martins: Europa-América.



Cota: 821.134.3-31 BES

A maioria não era como ele; a sociedade, governada com um misto de filosofia oriental e provincianismo modelar (cujo génio foi talvez a filosofia oriental), enchera-se de indivíduos hipócritas, mesquinhos, que ocupavam na burocracia os postos de chefia. A célula familiar gozava dum superficial prestígio; atrás dos jovens prometedores havia um banal altruísmo produzido pelo favoritismo de grupo. E os dissidentes eram igualmente incapazes dum plano histórico, ressentidos na sua conta-verdade das humilhações que a força faz prevalecer sobre o juízo das coisas. Um povo estéril torna-se num povo capaz de vencer trajectos que a outros levam mais tempo a percorrer; de súbito, um materialismo, dinâmico sobrepõe-se, à lei da conservação mais imediata. (p. 89)

Contextos

Bessa-Luís, Agustina. (2009). *O mosteiro*. Lisboa: Guimarães Editores.



Cota: 2 BOR

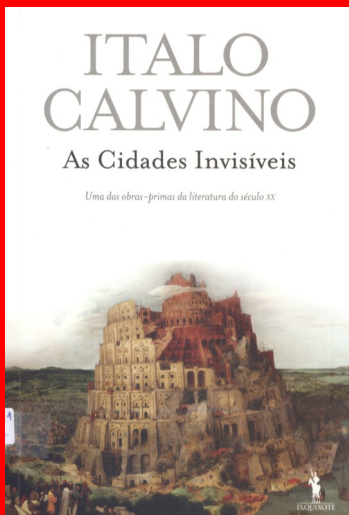
Contextos

Devo estar a envelhecer. Não é bem da idade. É dos gostos. Por exemplo, já não suspiro por voltar a Nova Iorque. Em tempos, estive lá. Era o fascínio. Hoje, seria o atordoamento.

Claro, quero rever Berlim. Mas aí é diferente: quero visitar a Berlim nova, a capital da Alemanha reunificada, porque, sempre que lá fui, o mundo era outro, ainda era Berlim de cá e a Berlim de lá (o lá e o cá eram relativos) – foi antes da queda do muro em 1989.

Agora, o que gosto mesmo é de ir à minha terra. Sobretudo na Primavera. Talvez o psicanalista diga que inconscientemente é a procura do regresso ao ventre materno. Eu não o contradigo. Quem sabe? Mas, conscientemente... (p. 55)

Borges, Anselmo. (2004). *Religião: opressão ou libertação?*. Porto: Campo das Letras.



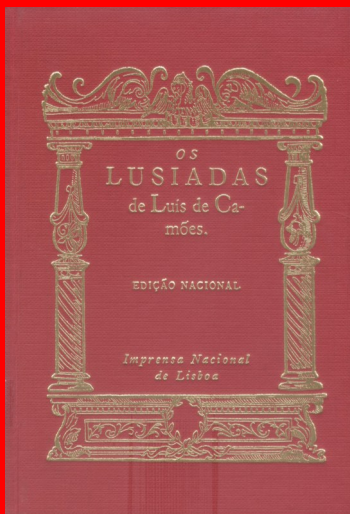
Cota: 821-31 CAL

O homem caminha durante dias pelo meio de árvores e pedras. Raramente o olho se detém sobre alguma coisa, e só quando a reconhece pelo sinal de outra coisa: uma pegada na areia indica a passagem do tigre, um pântano anuncia um veio de água, a flor do hibisco o fim do inverno. Tudo o resto é mudo e intercambiável; árvores e pedras são só o que são.

Finalmente a luz conduz à cidade de Tamara. Entra-se nela por ruas peçadas de letreiros que sobressaem das paredes. Os olhos não veem coisas que significam outras coisas: a tenaz indica a casa do arranca-dentes, a garrafa a taberna, a alabarda o corpo da guarda, a balança romana a ervanária. Estátuas e escudos representam leões golfinhos torres estrelas.... (pp 22-23)

Com(textos)

Calvino, Italo. (2017). *As cidades invisíveis* (4.^a ed.). Alfragide: Dom Quixote.



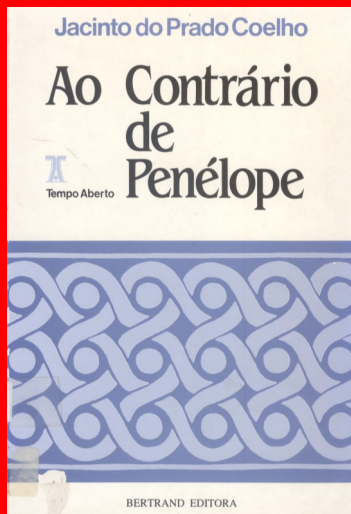
Cota: 821.134.3-13 CAM

Com(textos)

[...] O caso triste, e digno da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha

[...] Estavas linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano de alma, ledó e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervilhas
O nome que no peito escrito tinhas. (pp. 114-115)

Camões, Luís Vaz de. (1999). *Os Lusíadas*. Lisboa: INCM.



Cota: 80 COE

Lawton oferece-nos, com efeito, uma renovada visão de conjunto da obra garrettiana, visão esta assente numa paciente, exaustiva análise que podemos classificar de «psicotemática». Reduzindo a fichas os textos de Garrett, confrontando-as, ordenando-as de certa maneira, o crítico julga identificar o tema-chave que explica a obra toda, algo com o seu «étimo espiritual», para usarmos a terminologia de Spitzer. Tema – diz Lawton – que é «o princípio fundamental que a enforma, e de que dependem logicamente os seus diversos elementos, imagens, intrigas, personagens, que aparecem como modulações corolários de tema». A fenomenologia da obra literária dá, pois, acesso a um sistema perfeitamente coerente, «de que todo o acaso se encontra excluído».

Ora, qual o tema-chave descoberto... (p. 105)

Com(textos)

Coelho, Jacinto do Prado. (1987). *Ao contrário de Penélope*. Venda Nova: Bretrand.

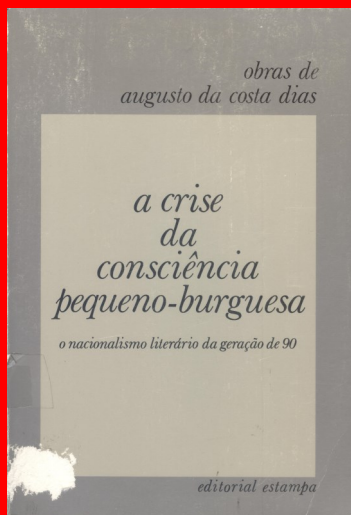


Cota: 821.134.3-94 COR

Com(textos)

Merecer a ilha é descobrir que a Madeira é uma ilha rodeada por todos os lados de outra ilha, a ilha escancarada do Ribeiro Frio, do Pico do Areeiro, dos Savoys, dos Reis, de um turismo clássico, aristocrático, inglês, muito século XIX que encontrei nos «roof-gardens» do Cairo. Um turismo cuja roupagem empertigada apenas vela o propósito de dar férias ao corpo, embalando-o no lânguido eros que sopra do Mediterrâneo. Mas uma vez rompida a carcaça de luzes e verdes da ilha externa, revela-se a medida helénica da ilha interna onde chega amortecido e irreal o barulho das vagas turísticas que se quebram nos rochedos deste miolo inviolável. Aqui tudo começa a ter contorno: lendas, tradições, pessoas. Amesquinhando as luminárias do Casino, a casa assombrada... (p. 135)

Correia, Natália. (2005). *Contos inéditos e outras crónicas de viagem*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.



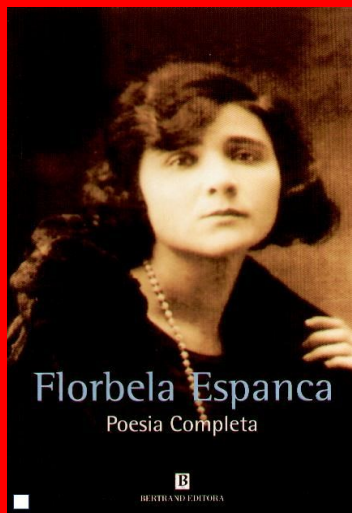
Cota: 80 DIA

Sete dias mais tarde, numa reunião da Sociedade Patriótica Literária, o jovem Garrett pedia, na oração fúnebre consagrada ao chefe da Revolução de 1820: escrevei-lhe sobre a lápide sepulcral – AQUI JAZ O LIBERTADOR DOS PORTUGUESES: SALVOU A PÁTRIA, E MORREU POBRE. Assumir os mais altos cargos, dominando, como dirigente incontestado, a vida pública portuguesa, e acabar pobre, era muito, mas não era tudo; poderia não passar de excelente tema especulativo para os moralistas fariseus da burguesia, alguns decénios mais tarde; em 1822 representava, todavia, um sintoma claro e colectivo da mentalidade da nossa classe média. Braamcamp enfileira o menor do Sinédrio entre os antigos heróis portugueses, e porquê?

Por virtudes guerreiras, único padrão num país cujas classes dirigentes haviam reservado as poltronas do heroísmo aos grandes dizimadores de infieis... (pp. 83-84)

Com(textos)

Dias, Augusto da Costa. (1977). *A crise da consciência pequeno-burguesa* (3.^a ed.). Lisboa: Estampa.



Cota: 821.134.3-1 ESP

Com(textos)

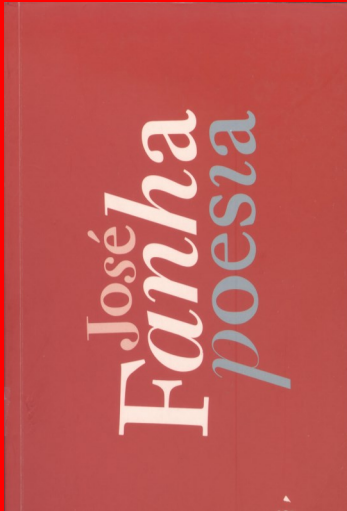
Meu Portugal querido, minha terra
De risos e quimeras e canções
Tens dentro de ti, esse teu peito encerra,
Tudo o que faz bater os corações!

Tens o fado. A canção triste e bendita
Que todos cantam pela vida fora;
O fado que dá vida e que palpita
Na calma da guitarra aonde mora!

Tu tens também a embriaguez suave
Dos campos, da paisagem ao sol poente,
E esse sol é como um canto d'ave
Que expira à beira-mar, suavemente...

Tu tens, ó Pátria minha, as raparigas
Mais frescas, mais gentis do orbe imenso,
Tens os beijos, os risos, as cantigas... (p. 117)

Espanca, Florbela. (2006). *Poesia completa* (8.^a ed.). Lisboa: Bertrand.



Cota: 821.134.3-1 FAN

Com(textos)

Quando eu voltar

Quando eu voltar

Os meus olhos serão cruéis

Meus dedos serão chicotes.

Quando eu voltar

Serei caso resolvido

Serei morto

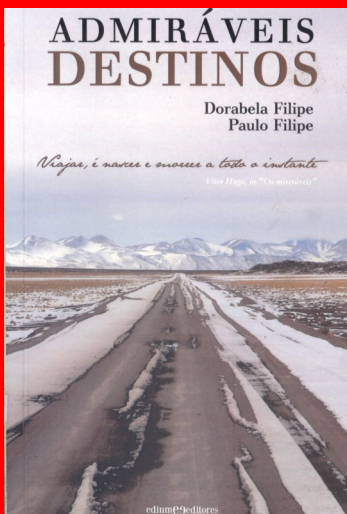
Morto-vivo

Sepultado revestido

Pelo negro dum caixão.

(p. 42)

Fanha, José. (2012). *Poesia*. Coimbra: Lápis de Memória.



Cota: 821.134.3-992 FIL

Com(textos)

E, finalmente, o Serengeti: um dos ecossistemas mais ricos e impressionantes do planeta. Aqui deparamo-nos com a autêntica savana africana. Búfalos, rinocerontes (poucos), elefantes, girafas, hienas, leões e leopardos e mais de dois milhões de gazelas, gnus e zebras distribuem-se por 14400Km² de planície. Debaixo de um calor atroz percorremos de jipe os trilhos do parque, parando a cada momento, para apreciar a VIDA a uma distância relativamente segura, não vá um elefante nervoso e zangado de orelhas enfunadas e a abanar, investir repentinamente sobre nós. Os elefantes causam uma devastação estrondosa à sua passagem, abrindo caminho junto de qualquer animal, fazendo-nos ponderar quem será o verdadeiro Rei da Selva! Procuramos perseverantemente a sombra do leopardo, mas não temos sorte. Perscrutamos uma toca com duas... (p. 150)

Filipe, D. & Filipe, P. (2011). *Admiráveis destinos*. Maia: Ediumeditores.

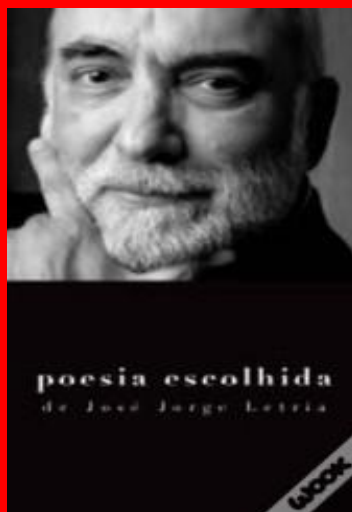


Cota: 821.134.3-34 FRA

João Baptista assestou, do alto, o seu lorgnon, num gesto elegante, dégouté, da mão esquerda bem calçada de pelica gris perle, e olhou para o que se passava, nesse dia, de animada, na cidade que há muito deixara – mas fora vendo, da circunvalação em que ainda cavalgara, às circulares depois e depois, de outros e apressados veículos. Era cada vez maior a cidade, Mas sempre pequena porque pequeno era o país e as suas gentes continuavam a não poder ser grandes... Quando fizera já mais de 200 anos, tinham-lhe demolido a casa de seus findos, recordados amores, pedra a pedra, azulejo a azulejo – um dos barões da pátria novíssima... E era isso que ele agora olhava, de cima, porque José Estevão... (p. 305)

Com(textos)

França, José-Augusto. (2007). *Garrett e outros contos*. Lisboa: Acontecimento.

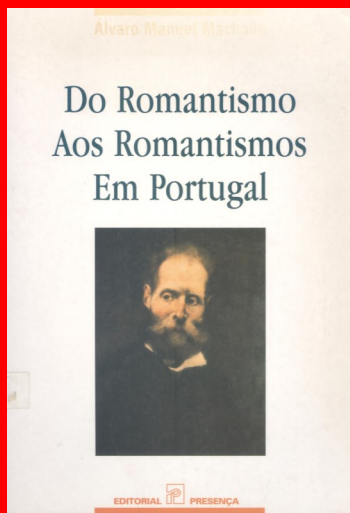


Cota: 821.134.3-1 LET

Contextos

O meu teatro é irrepresentável por ser
Infinitamente suplicante. Explico-me:
Eu queria um palco do tamanho de uma vida
Para pôr nele quanto amo e quanto odeio.
Havia de conceber depois um discurso
Igual ao dos mártires ou dos místicos
Que se ajustasse ao perfil das personagens
Por ser fluente e limpo como um cristal
De chuva a iluminar a boca dos actores.
Ficou-se pela metade o meu teatro
Como se esta fala desconsolada que uso
Para dizer o que não fiz. Sentava-me
A escrever, extenuado, e era sempre
De mim que falava, da morte de meu pai
Num quarto de setembro, das febres altas
Sob as colchas bordadas. (p. 113)

Letria, José Jorge. (2012). *Poesia escolhida*. Coimbra: Imprensa da
Universidade de Coimbra.



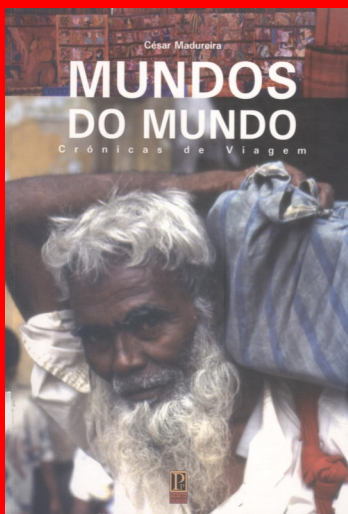
Cota: 80 MAC

Com(textos)

Assim o nosso romantismo literário nasce deformado, quer pelo peso da herança clássica, quer pelas imposições de uma ideologia liberal predominantemente nacionalista. São estes dois factores que temos de ter em conta quando analisamos a obra dos nossos dois primeiros grandes românticos, Garrett e Herculano, comparados com outros românticos europeus.

Garrett, desde *Camões* (1825) e *D. Branca* (1826), fundamenta o compromisso entre o classicismo e o romantismo a partir desse nacionalismo de raiz liberal. Se em *Viagens na Minha Terra* (1846) e sobretudo *Folhas Caídas* (1853) arrisca um lirismo mais radicalmente romântico, através da própria ironia, mantém, no entanto, a tradição clássica portuguesa acima dos modelos românticos europeus. Sobretudo no que diz respeito aos «figurinos franceses»... (p. 10)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Do romantismo aos romantismos em Portugal*. Lisboa: Presença.



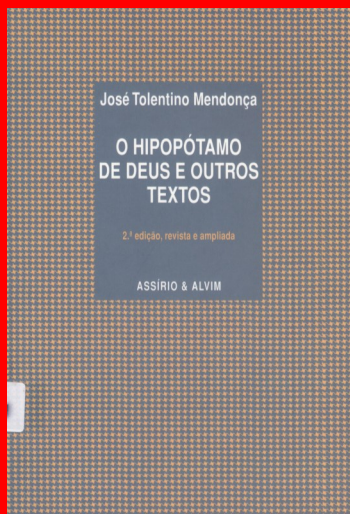
Cota: 821.134.3-992 MAD

Com(textos)

José Bartolomeu dos Santos Dias Sousa escrevia na penumbra, sozinho, sem qualquer sonho de sucesso ou de publicação. Não havia pretensão nas suas linhas entortadas por uma mão direita há muito aleijada por um remo de embarcação. Escrevia por escrever, com o deleite de quem goza com algo de inocente, com um prazer primário da vida.

Era velhote e apenas começara agora na faina da escrita. Filosofava sobre os peixes, as suas cores, o cheiro docemente nauseabundo das suas entranhas, as redes escosipadas pelas mulheres, as chatas, as traineiras, os desatinos na lota, as rezas e lamentos na capelinha do largo municipal... Era a rotina pesqueira que o fazia esforçar-se, juntando as letras vagarosa e pacientemente, construindo a pouco e pouco as mais enternecedoras histórias jamais escritas sobre as gentes da praia. (p. 25)

Madureira, César. (2006). *Mundos do Mundo*.
Coimbra: Pé de página Editores.



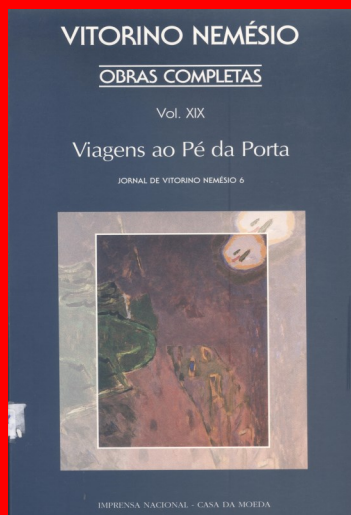
Cota: 2 MEN

Com(textos)

Sophia de Mello Breyner naquele conto tão conhecido, «O retrato de Mónica», explica que a poesia é-nos uma vez e quando dizemos que não ela afasta-se. O amor é-nos dado algumas vezes, e também se o recusamos ele distancia-se de nós. Mas a santidade é-nos dada todos os dias como possibilidade. E se a recusamos teremos de a recusar todos os dias da nossa vida, porque quotidianamente a santidade se avizinha de nós como possibilidade.

Contudo, fizemos da santidade uma coisa tão extraordinária, abstracta e inalcançável, que quase não ousamos falar dela. De certa forma, habituamo-nos a olhar para a experiência cristã como que acontecendo a duas velocidades: o caminho heroico dos santos e a frágil estrada que é aquela de todos os outros... (p. 129)

Mendonça, José Tolentino. (2010). *O hipopótamo de deus e outros textos* (2. ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



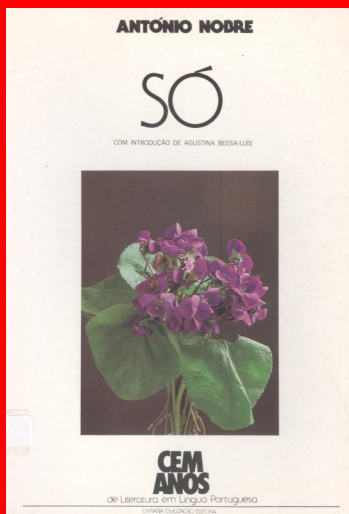
Cota: 821.134.3-94 NEM

Com(textos)

Este passeio a Azeitão, Bacalhoa, Setúbal, Outão, Palmela e Arrábida varre da minha alma todos os miasmas possíveis. Ao arfar do automóvel vou conquistando a minha equação com a terra portuguesa, com a sua expressão áspera e suave, independentemente dos homens, que, não podendo arrancar de si próprios as mensagens sinceras que deviam, fazem com ar hamléptico rabulazinhas triviais.

Lindo dia: aberto, luminoso, sem uma falha de nitidez, escancarando ao sol de Janeiro e dócil ao gume de frio que a serra Arrábida vai afiando. A Quinta da Bacalhoa, recordando-me um velho livro de escândalo lido em menino, leva-me a intuir a pessoa do Rei D. Carlos, que vi burguesa e gorda no mobiliário de Mafra e venho ler aqui nesta ruína rural, meio florentina, meio moira, que foi do filho de Afonso de Albuquerque... (p. 33)

Nemésio, Vitorino (1998). *Viagens ao pé da porta* (2. ed.). Lisboa: INCM



Cota: 821.134.3-1 NOB

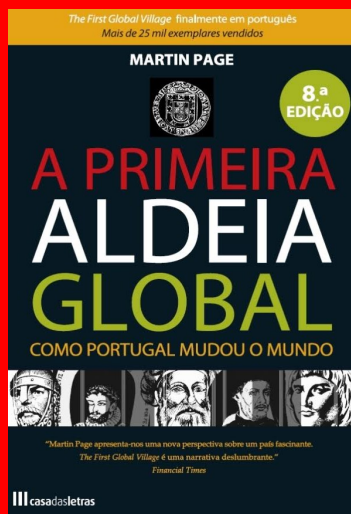
Às vezes, passo horas inteiras
Olhos fitos nessas braseira,
Sonhando o tempo que lá vai;
E jornadeio em fantasia
Ao velho Douro, mais meu Pai.

Que pitoresca era a jornada!
Logo, ao subir da madrugada,
Prontos os dois para partir:
- Adeus! Adeus! É curta a ausência,
Adeus! – rodava a diligência
Com campainhas a tinir!

E, dia e noite, aurora a aurora,
Por essa doida terra fora,
Cheia de Cor, de Luz, de Som... (p. 74)

Com(textos)

Nobre, António. (1995). Só. Porto: Civilização.



Cota: 94(469) PAG

Com(textos)

Em Arzila, foram avisados de que o emir os aguardava com um exército gigantesco, disposto a travar batalha se eles avançassem mais para sul. Estava-se em Agosto de 1578. Após cinco dias, exaustos, mal alimentados, sem água e obrigados a enfrentar o calor abrasador do Verão, encontraram pela frente um exército muçulmano fresco, bem alimentado e municiado, pronto para a batalha. A infantaria muçulmana tinha o dobro dos efectivos da infantaria de D. Sebastião e a sua cavalaria era dez vezes superior. Contavam, com 7000 arqueiros e fileiras de canhões. Passadas poucas horas, tinham já morrido cerca de 15000 efectivos do exército de D. Sebastião, incluindo o próprio rei e Sir Thomas Stukeley. Os muçulmanos capturaram mais 8000, incluindo a maioria dos seguidores, que foram vendidos como escravos. Menos de 1000 conseguiram fugir para Tânger, de onde regressaram a Portugal de barco. (p. 179)

Page, Martin. (2008). *A primeira aldeia global* (2.^a ed.). Cruz Quebrada: Casa das Letras.



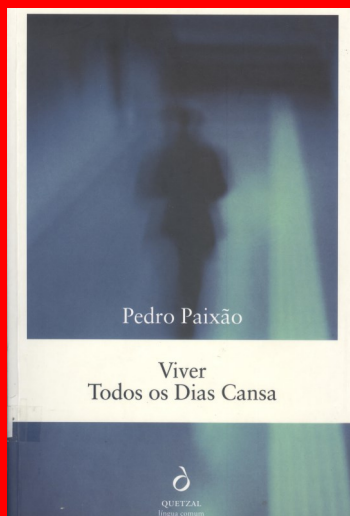
Cota: 821.134.3-34 PAI

Contextos

De todos os lugares tinha de escolher logo este. Primeiro que tudo tive de regressar a esta cidade. Estranho. Em Barcelona mudei de avião. Sobrevoámos a Itália, a Grécia, Chipre; atravessámos de uma ponta à outra o mar Mediterrâneo para chegar até aqui. No aeroporto esperava-me um carro com motorista, um táxi.

Vimos por uma estrada que ora subia ora descia, passámos por dois controlos de segurança. a estrada em que seguíamos tinha várias saídas cortadas por blocos de pedra e cimento. A paisagem era rochosa, árida com algumas casa dispersas e uma ou duas aldeias. Por cima do céu muito azul. Fazia um calor de verdade. A estrada passava entre altos muros de cimento e barreiras de arame farpado. Não me lembro de ver árvores. (p. 21)

Paixão, Pedro. (2004). *Quase gosto da vida que tenho* (2. ed.). Lisboa: Quetzal.



Cota: 821.134.3-34 PAI

Contextos

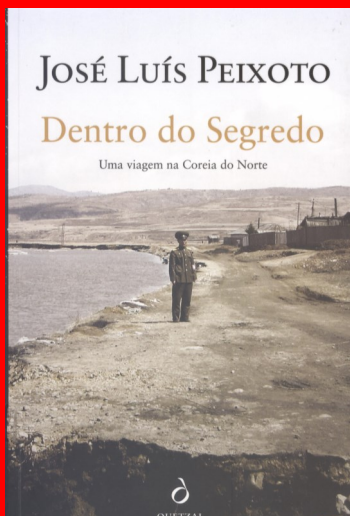
Todas as raparigas demasiado bonitas causam-nos tristeza e eu sei porquê.

Mal se consegue tocar numa rapariga demasiado bonita. Enche-nos de pavor a obrigação de nos tornarmos inconscientes. Porque não há maneira de saber o que fazer com a beleza e alguma coisa se tem de fazer com o que há.

Almas sensíveis suportam mal a presença de beleza assim. A perfeição visível entristece-nos francamente. Se já sabem que são bonitas ainda não sabem que vão morrer.

Beleza assim é para ser estragada pelos sedutores, cuja missão consiste, precisamente, em passeá-la diante dos outros que gostavam de o ser. E elas cedem à sedução porque pressentem, com razão e sem ela, que nada nem ninguém as pode salvar da beleza que trazem consigo e que, por passar, mais vale passar assim. (p. 89)

Paixão, Pedro. (2008). *Viver todos os dias cansa* (10. ed.). Lisboa: Quetzal.



Cota: 821.134.3-992 PEI

Contextos

Viajar é interpretar. Duas pessoas vão ao mesmo país e, quando regressam, contam histórias diferentes. Descrevem os naturais desse país de maneiras diferentes. Uma diz que são simpáticos, a outra diz que são antipáticos. Uma que são tímidos, a outra diz que não se calam durante um minuto.

Isto é radicalmente verdade em relação à Coreia do Norte.

O secretismo e as enormes idiossincrasias desta sociedade fazem com que o olhar do visitante seja muito conduzido por aquilo que leu nos livros antes de chegar. Ao fazê-lo, parece-me, acaba por procurar na paisagem exemplos do que já sabe. Por isso, a interpretação que cada um faz depende dos livros que leu.

Para quem procure esclarecimento, os guias norte-coreanos são de pouca utilidade. (pp. 61-62)

Peixoto, José Luís. (2012). *Dentro do segredo*. Lisboa: Quetzal.

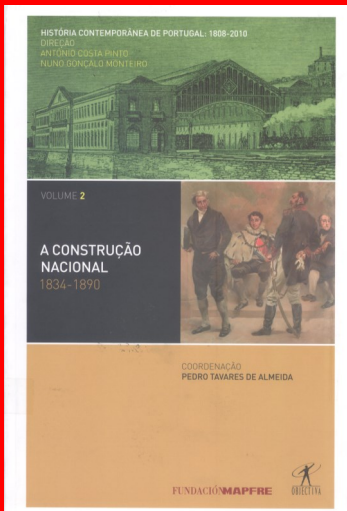


Cota: 94(469) PIN

Em 1825 seria a oportunidade de Almeida Garrett publicar o seu poema «Camões». A associação da pintura de sequeira à poesia de Garrett evidencia a sintonia que os unia. A imagem fixa os momentos finais do poeta, erguendo os braços aos céus ao tomar conhecimento da notícia da derrota de d. Sebastião em Alcácer Quibir. No catálogo do Salon de 1824 explicava-se o significado da imagem.

Prostrado pela doença e pela mais horrível miséria, moribundo no hospital, um dos seus amigos vem avisá-lo da perda da batalha... da morte do rei... e do esolamento da nação, nesse dia fatal cujas consequências deviam ser o fim da monarquia portuguesa e da pátria... Ao menos morro com ela!, exclama Camões, levantando-se no leito da morte. (p. 234)

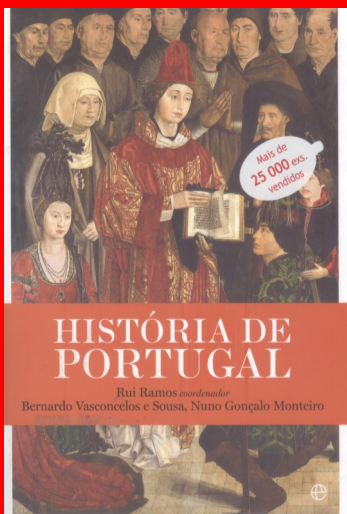
Pinto, A. C. & Monteiro, N. G. (2013). *História contemporânea de Portugal: 1808-2010* (vol. 1). Lisboa: Objectiva.



Cota: 94(469) PIN

O romantismo e as ideias políticas liberais estiveram, desde cedo, ligados. Durante a década de 1820, intelectuais e escritores, como Almeida Garrett (1799-1854), fizeram os primeiros ensaios de um novo paradigma estético e cultural que integrava também um novo projecto de sociedade e de contrato político. A reinvenção de Portugal passava pela descoberta do país e do povo e pela refundação da tradição. Obras como *Catão* (1822), *Camões* (1825) e *D. Branca* (1826) eram o anúncio de um movimento que não se interrompeu nas décadas seguintes e que procurava colocar Portugal a par das novas correntes estéticas em voga na Europa. Para consolidar este processo foi, contudo, necessária a plena instauração de ordem política assente em forma modernas de representação, cidadania e patriotismo. (p. 201)

Pinto, A. C. & Monteiro, N. G. (2013). *História contemporânea de Portugal: 1808-2010 (vol. 2)*. Lisboa: Objectiva.

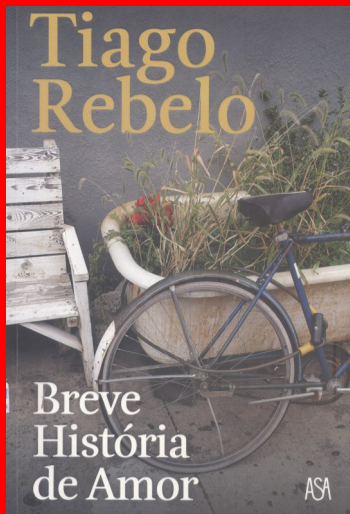


Cota: 94(469) RAM

Contextos

Em 1820 como lembrou o marquês de Fronteira, «as ideias de revolução eram gerais. Rapazes e velhos, frades e seculares, todos a desejavam. Uns, que conheciam as vantagens do governo representativo, queriam este governo; e todos queriam a corte em Lisboa, porque odiavam a ideia de ser colónia de uma colónia». Até «os fidalgos das províncias do Norte se pronunciaram, em geral, pelo governo revolucionário», embora viessem a ser, depois, «os campeões do absolutismo». A unanimidade não durou. Em 1822, o Brasil separou-se e Portugal entrou em guerra civil intermitente, com uma profundidade e uma violência sem igual na época contemporânea. Apesar de várias revoluções e opressões do século XX, nunca mais houve tantos presos políticos e exilados em Portugal como em 1828. (p. 457)

Ramos, Rui. (2012). *História de Portugal* (7.^a ed.). Lisboa: Bertrand.



Cota: 821.134.3-34 REB

Contextos

Ela telefona-lhe com saudades, diz-lhe sinto a tua falta, sinto falta das nossas conversas, nunca mais me falaste, Porquê? A frase sai-lhe como um lamento. Ele soa a desapontamento. Custa-lhe aceitar que tivessem deitado tudo a perder, que não tivessem conseguido sobreviver às contrariedades. A ela também, ouvi-lo outra vez é como escutar uma música antiga que ficou para sempre na cabeça, no coração, como uma nostalgia que a invade com a triste sensação de perda.

Ela hesita, ouve o silêncio na linha, a ponderar o que dizer a seguir. A sua mente corre aflita, um turbilhão de pensamentos bloqueia-lhe as palavras, pensa que quer voltar a vê-lo, mas receia o fracasso, pensa que, de qualquer modo, já estragou tudo e ele não a vai aceitar nunca mais. Gostava de admitir os erros do passado, partilhando com ele o que tinha falhado... (p. 73)

Rebelo, Tiago. (2011). *Breve história de amor*. Alfragide: Asa.



Cota: 80(092) RIB

Contextos

Sua avó brindou-o com aquele decálogo dos deveres reais, colorindo a dádiva com dizer que fora a pauta constante do seu avô, o que era um refinadíssimo maranhão:

O que pude fazer por bem, nunca o fiz por mal.

O que pude alcançar por paz, nunca o tomei por guerra.

O que pude vencer com rogos, nunca o afugentei com ameaças.

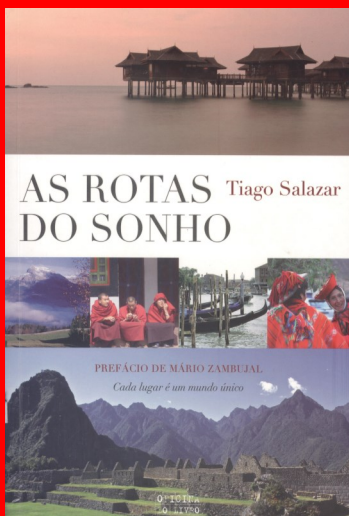
O que pude remediar em segredo, nunca o castiguei em público.

O que pude emendar com avisos, nunca o castiguei com açoutes.

Nunca castiguei em público, que primeiro não avisasse.

Nunca consenti à minha língua que dissesse mentira, nem permiti a meus ouvidos que ouvissem lisonjas. (p. 174)

Ribeiro, Aquilino. (1952). *Príncipes de Portugal*. Lisboa: Livros do Brasil.



Cota: 821.134.3-992 SAL

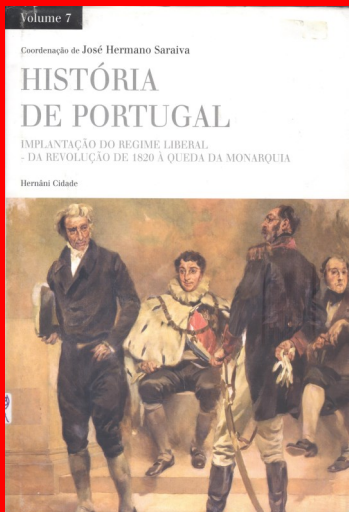
Contextos

A arte de bem viajar em toda a página

Acabo de correr meio mundo, parágrafo a parágrafo, com a sensação que fui conduzido, em simultâneo, a dois cobiçáveis prazeres: de ler e viajar. Aconteceu assim quando a literatura de viagens, de tão fundas tradições na História e na Cultura Portuguesas, se estriba na qualidade da prosa e na sensibilidade do escritor para nos dar algo de mais succulento que imagens comentadas de bilhete postal. Caminheiro do mundo, com alma e traquejo de repórter, Tiago Salazar guia-nos por *As Rotas do Sonho* revelando seus encantos e orgulhos, sem escamotear feridas, antigas ou novas, de que padecem.

O que temos aqui é uma visão perspicaz, para além dos “atractivos turísticos” e das impressões epidérmicas de qualquer viajante desinformado ou distraído. (p. 11)

Salazar, Tiago. (2010). *As rotas do sonho*. Alfragide: Oficina do Livro.



Cota: 94(469) SAR

Constituição de 1822

“Art.º 1.º - A Constituição Política da Nação Portuguesa tem por objectivo manter a liberdade, segurança e propriedade de todos os portugueses.

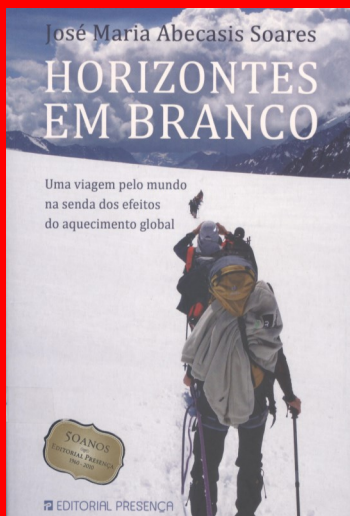
[...]

Art.º 9.º - A lei é igual para todos. Não se devem portanto privilégios do foro nas causas civis ou crimes, nem comissões especiais. Esta disposição não compreende as causas, que pela sua natureza pertencerem a juízos particulares, na conformidade das leis.

[...]

Art.º 12.º - Todos os portugueses podem ser admitidos aos cargos públicos, sem outra distinção, que não seja a dos seus talentos e das suas virtudes. (p. 22)

Saraiva, José Hermano. (2004). *História de Portugal* (vol. 7) .
Matosinhos: Quidnovi.



Cota: 821.134.3-992 SOA

Com(textos)

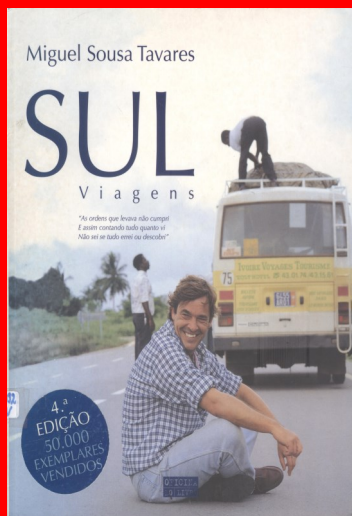
Quando a água dos glaciares começa a escassear, o abastecimento a várias dezenas de milhões de pessoas ficará para sempre comprometido.

Actualmente pensamos seriamente nas implicações humanas do aquecimento global, e sempre que se fala nisso alguém tem uma história dramática a acrescentar.

Aos poucos, os elementos do grupo foram contribuindo com testemunhos de situações vividas nos seus próprios países ou algum relato que ouviram contar.

Foi referida, naturalmente, a questão da recente navegabilidade do Ártico durante o Verão e da reivindicação, por parte de alguns estados, da posse dessa região. Alguém falou da submersão das Maldivas e do atol de Kiribati, que vai criar cem mil desalojados. (p. 87)

Soares, José Maria Abecasis. (2010). *Horizontes em branco*. Lisboa: Presença.



Cota: 821.134.3-992 TAV

Com(textos)

Um inesperado ruído do motor acorda-me de um sono profundo. Oíço também as vozes de duas pessoas que se saúdam na rua. Oíço tudo distintamente, como se ouvem todos os sons de Verão e aqui, no Alentejo. Abro a janela do quarto para uma manhã luminosa, com os reflexos do sol brilhando como diamantes na superfície parada da água do Guadiana, que passa logo em frente da janela, do outro lado da rua.

Não há água nas tomeiras, apesar de o rio estar ali ao lado. Visto-me à pressa, enfio os pertences num saco, agarro na máquina fotográfica e abandono a casa de empréstimo onde acabei de passar a noite e saio para a rua do Pomarão. Há um veleiro estrangeiro ancorado no minúsculo pontão recém-inaugurado, há uma estrutura de ferro, abandonada e semidestruída, que outrora era o cais fluvial do Pomarão, por onde se escoava toda a... (p. 75)

Tavares, Miguel Sousa. (2004). *Sul: viagens* (4.ª ed.). Lisboa: Oficina do livro.



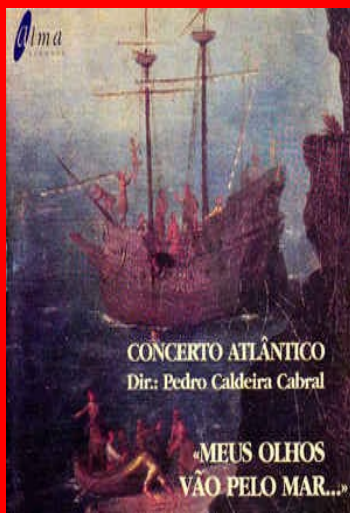
Cota: 791.221.4 BOT

"Quem és tu?", de João Botelho, é uma adaptação do "Frei Luís de Sousa", de Almeida Garrett, dedicado aos alunos do secundário que têm que ler a obra.

D. Madalena de Vilhena casou com Manuel de Sousa Coutinho, com quem tem uma filha, Maria. Mas uma sombra paira sobre esta família e esta mulher, que vive num "engano da alma ledó e cego". D. Madalena já tinha sido casada com D. João de Portugal, desaparecido na batalha de Álcacer-Quibir, em que se perdeu também o Desejado. Mas D. João de Portugal prometeu regressar, vivo ou morto para voltar a olhar o rosto da sua amada. A tragédia irrompe quando à casa da família chega um romeiro, um fantasma de barbas brancas que passou mais de 20 anos em cativeiro. (Sinopse)

Com(textos)

Botelho, João. (2003). *Quem és tu?* [DVD]. Lisboa: Lusomundo.



Cota: 3 CON

Los dos valerosos campos,
Uno es del Rey Maluco,
Otro de Sebastiano
El Lusitano.
Moço, animoso y valiente,
Robusto, determinado,
Aunque de poca experiencia
Y no bien aconsejado,
El Lusitano.
Brama que entrevistan los moros
Y el exercito contrario
Ya se vá llegando cerca
Aellos (dize) Santiago,
El Lusitano.
Dispara la ertelharia,
La nuestra mal disparando
Llueven balas, llueve muerte...

Com(textos)

Concerto Atlântico. (1993). Puestos estan frente a frente *In Meus olhos vão pelo mar* [CD]. Suíça: Luminária-Música.



Cota: 800 POE

BARCA BELA

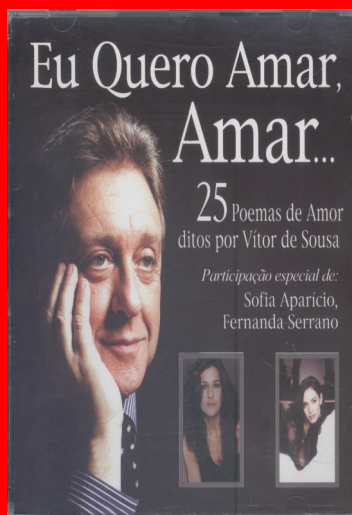
Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela.
Que é tão bela,
Oh pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!

Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...

Com (textos)

V. A. A. (2002). Barca bela *In Poesia encantada [CD]*. Lisboa: Valentim Carvalho.



Cota: 610 SOU

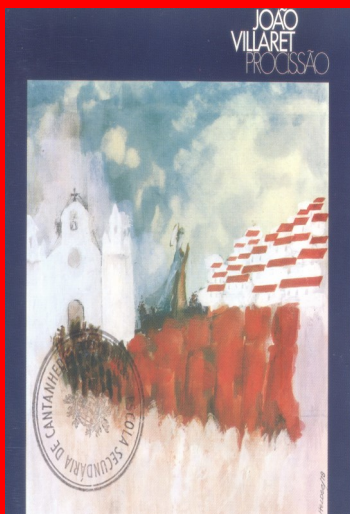
Com(textos)

Este Inferno de Amar

Este inferno de amar - como eu amo! -
Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida - e que a vida destrói -
Como é que se veio a atear,
Quando - ai quando se há-de ela apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,
A outra vida que dantes vivi
Era um sonho talvez... - foi um sonho -
Em que paz tão serena a dormi!
Oh! que doce era aquele sonhar...

Sousa, Vitor. (2002). Este inferno de amar *In Eu quero amar, amar...*
[CD]. Lisboa: Ovação.



Cota: 610 VIL

Os Cinco Sentidos

São belas - bem o sei, essas estrelas,
Mil cores - divinais têm essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para elas:

Em toda a natureza
Não vejo outra beleza
Senão a ti - a ti!

Divina - ai! sim, será a voz que afina
Saudosa - na ramagem densa, umbrosa.
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia

Com(textos)

Villaret, João. (1991). Cinco Sentidos *In Procissão [CD]*. Lisboa:
Valentim Carvalho.

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário